

A vida das Rendas de Bilros¹ em Ilha Grande, Piauí

Ana Carolina de Campos Almeida

Doutora em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas

carolavenca@gmail.com

Resumo

Neste artigo, faço a apresentação de alguns materiais e gestos que compõem o ofício de fazer rendas de bilros em uma associação de rendeiras em Ilha Grande, Piauí, Brasil. Concentro-me em descrever os desenhos feitos pelas rendeiras nos moldes de papelão e, a partir desses desenhos, trago os meus próprios para mostrar alguns movimentos do ofício de rendar. Por fim, descrevo um experimento que fiz com rendas de bilros a partir da técnica de *relevo seco ou marcas d'água* para tornar visíveis algumas linhas dos desenhos das rendas de bilros prontas.

Palavras-chave: Casa das Rendeiras, renda de bilros, desenhos, experimento

Abstract

In this paper I present some materials and gestures that compose the craft of making bobbin lace at Casa das Rendeiras in Ilha Grande, Piauí, Brazil. I focus on describing the drawings made by the lacemakers in the cardboards and from these drawings I bring the ones made by myself in order to show some movements produced in the craft of making bobbin lace. Lastly, I describe an experiment made by myself with bobbin lace using the technique of *dry embossing or press watermarks* in order to make visible some lines of the bobbin lace when it is ready.

Keywords: Casa das Rendeiras, bobbin lace, drawing, experiment

1 As rendas de bilros podem ser encontradas em várias regiões do Brasil: no Nordeste, por exemplo, no Ceará, Maranhão, Piauí, Amazonas, bem como na região sudeste, no Rio de Janeiro e na região Sul, em Santa Catarina.

Introdução

Em minha dissertação de mestrado (Almeida 2014), investiguei algumas relações das rendas de bilros com as mulheres rendeiras de uma associação chamada “Casa das Rendeiras”, no município de Ilha Grande, no Nordeste, (Piauí, Brasil)². Pesquisei relações a partir da técnica de rendar e modos de transmissão de conhecimento, de habilidades e de sociabilidade no espaço da associação³.



Figura 1: Casa das Rendeiras.

Acervo da autora.

Durante o doutorado, prossegui com a investigação a respeito das rendas de bilros na Casa das Rendeiras, a fim de conhecer e contar alguns momentos do processo de feitura das rendas. O fazer tornou-se minha principal questão de pesquisa e inquietação: como descrevê-lo de modo a apresentar, na tese, minhas observações e descrições sem, contudo,

- 2 A Casa das Rendeira situa-se em Ilha Grande, ou Morros de Mariana, como designam os moradores do local, a sete quilômetros de Parnaíba e a trezentos e trinta e sete quilômetros de Teresina, no Piauí, nordeste do Brasil. A Casa das Rendeiras localiza-se em uma das avenidas mais movimentadas pelo turismo em Morros de Mariana.
- 3 Foi nesse local que iniciei a minha pesquisa que resultou em uma etnografia da relação das rendeiras com as rendas, isto é, especificamente o modo de fazer as rendas e as relações entre as rendeiras e os materiais. Aprendi um pouco da arte de rendar com elas.

fazer o processo parecer estanque e previamente controlado? Como narrar e expor os movimentos do fazer evidenciando alguns momentos de labor humano com os materiais, de modo a mostrar *as coisas*⁴ (os materiais) em suas relações com o meio como seres ativos e participantes da manufatura?

Encontrei fundamento para minha narrativa no conceito de *iteração* (Ingold 2013), propondo-me a contar o processo ao pensar *o fazer* como uma jornada, cuja característica essencial não é a fluidez. Para isto, foi preciso pensar uma narrativa/um texto que desse conta de expressar alguns movimentos emaranhados de rendar como o ato de operar com a linha⁵ nos bilros, no desenho do papelão, na almofada, alfinetes, dentre outros materiais desse ofício (na manufatura)⁶.

De acordo com Ingold (2007), os movimentos de caminhar, tecer, observar, desenhar e escrever têm em comum o fato de que todos produzem linhas de diferentes formas e elas estão em todos os lugares. Quando andamos, gesticulamos, nós, humanos, geramos linhas. O ser humano constitui as superfícies pelas linhas a partir de gestos no espaço. As linhas são os traços de gestos das mãos do artesão. Esses gestos são inspirados pelo mundo ao seu redor (Ingold 2007).

Um trabalho manual é, então, uma atividade em que a formação de uma superfície se dá a partir dos gestos em seus movimentos do ofício. Desse modo, os movimentos inscrevem-se, em linhas, na matéria.

As marcas são impressas durante o processo de manufatura das rendas de bilros pelo gestual do rendar nas *superfícies-testemunhos*, os materiais das rendas, e pelas rendeiras. Para evidenciar a construção de um *tecido-renda*, segui os rastros e vestígios das linhas que se tornam camadas nos materiais no desenho que gera a forma da renda.

Meshwork das Rendas e os movimentos de Rendar

Uma imagem que me inspirou a mostrar os gestos e linhas (essa relação das rendeiras com os materiais) do fazer foi o *Meshwork ou Malha*, outro conceito de Ingold (2013), em que linhas, sem um centro, crescem com os movimentos de um fazer. Esse conceito me permitiu criar formas de analisar esse ofício, privilegiando contar os modos

4 Conceito de Ingold (2012): coisas, ao invés de objetos, no sentido de que as coisas são o próprio fazer, processual e não apenas seu produto final. Nesse vocabulário, “coisas” enfatiza o fazer.

5 Ainda, dar atenção aos atos de operar com o algodão e aos artefatos que resultam desse labor, por exemplo, os fios de algodão que se tornam linhas cuidadosamente manuseadas pelas rendeiras.

6 Depois de aprender alguns pontos iniciais das rendas, contar como os *gestos* são o próprio movimento do fazer: a criação de uma nova superfície tecida pelo ofício de rendar e como isso pode nos revelar modos de conhecer as coisas e as relações que elas engendram.

de formação das coisas, em que cada linha tem um fluxo de vida⁷.

Abaixo, segue a figura 2, referente à capa de minha tese de doutorado, encapada com tecido de algodão, no qual fiz um *meshwork* colando linhas de lã no tecido de algodão. A figura 3 consiste em um desenho do mesmo *meshwork* feito na capa, criado em minha pesquisa com explicações a respeito da metodologia utilizada.

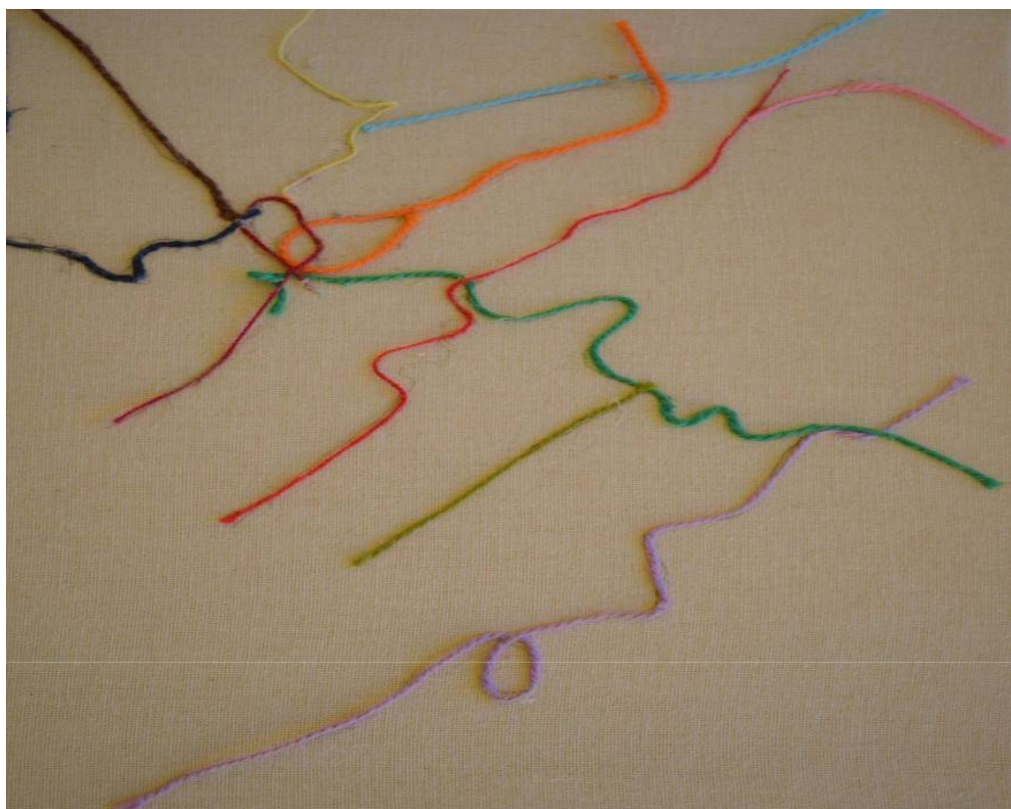


Figura 2: Capa da tese de doutorado.
Acervo da autora.

7 “O *meshwork* é um emaranhado de nós. Esses nós são os espaços-lugares em que as linhas ficam amarradas. Mas cada linha sempre ultrapassa o nó a que está amarrada. Mas seu fim está sempre solto, em algum lugar atrás do nó que está tateando em direção a um emaranhamento com outras linhas, em outros nós [...] a continuidade da vida depende do fato de que nada, nenhuma linha, se encaixa perfeitamente” (Ingold 2011: 133).

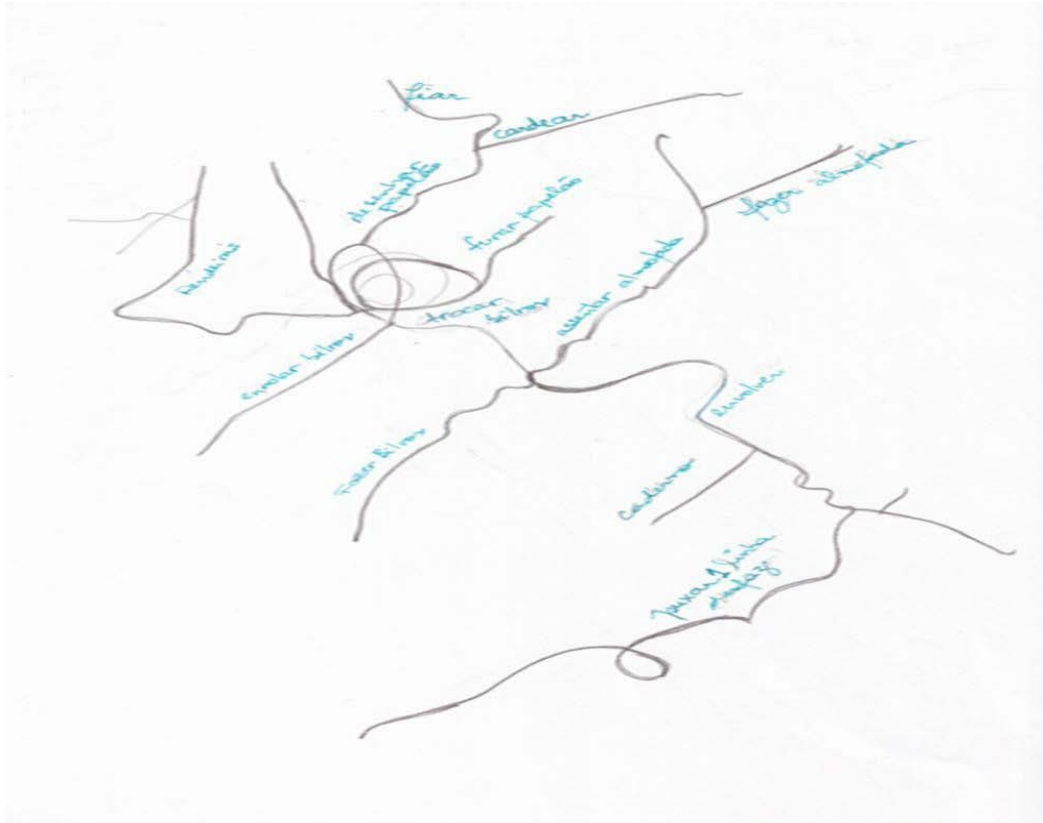


Figura 3: Desenho do mesmo meshwork feito na capa.
Acervo da pesquisadora.

Trago, agora, neste artigo, algumas relações de rendeiras com os materiais que envolvem a feitura desse tipo de renda, como, por exemplo, a matéria prima: o algodão que passa por processo de *cardeamento* e *fiação* (depois de colhido) para tornar-se fios de linhas⁸.

Trato de alguns gestos das rendeiras como *desenhar no papelão* e *assentar a almofada* – que significa colocar na almofada todos os materiais necessários para a execução da renda. Além de enrolar linhas nos bilros, acompanhei os processos de *fazer uma almofada e bilros*.

Há, também, o gesto de *Puxar 1 linha e desfazer*: experimentei, ao longo da pesquisa, desfazer uma renda, de um tipo de ponto, que eu havia feito. Desfazendo-a, pude conhecer a organização das linhas do ponto em questão: é o desfazer-fazendo e o fazer-desfazendo, como indicam as fotos abaixo.

8 Descrevo um dos modos de cardeamento e fiação do algodão no capítulo 2 intitulado *Fios e Superfícies* em minha tese de doutorado (Almeida 2018).



Figura 4: Desfazendo as linhas.
Acervo da autora.

Seguem, abaixo (ver figura 5), os principais materiais que compõem o ofício de trocar bilros: grade de madeira que sustenta uma almofada; objeto cilíndrico de tecido chita que é preenchido por palhas de arroz amassadas; o papelão que contém os traços do desenho ou molde da renda a ser feita; e as linhas enroladas nos bilros que são afixados no papelão por alfinetes.



Figura 5: Almofada assentada.
Acervo da autora.

A partir da apresentação dos materiais, torna-se possível falar da posição e dos gestuais para fazer as rendas de bilros.

Durante minha pesquisa de campo, na associação, as rendeiras Francisca, Laurinha, Socorro, Livramento, Neguinha e Edinalva (com quem convivi na Casa) me mostraram, enquanto as observava, uma combinação de gestos de ofício.

Todas as rendeiras tem uma posição comum: com as pernas em V, posicionam a grade com a almofada entre as próprias pernas; os pés no chão ou entre o chão e a grade da almofada; a coluna ereta, com a cadeira próxima à almofada, de modo que consigam olhar o papelão.

Cada rendeira segura os bilros com os dedos e as palmas das mãos. Os bilros precisam ser segurados de modo que a linha fique esticada, para que sejam movimentados cruzando-se em pares, continuamente. A linha esticada permite que os pontos fiquem mais alinhados, uniformes e menores, dando à renda a aparência de um trabalho bastante delicado.

A cada sequência e formação de uma *carreira* forma-se um ponto. Enquanto a rendeira segura dois pares de bilros em uma mão, coloca um alfinete nesse ponto e fecha-o com um cruzamento de bilros⁹. Nesse jogo constante de sequência de troca de bilros, a variação dos movimentos do cruzamento depende sempre do ponto que será feito.

Terminado o preenchimento do papelão, as rendeiras unem as linhas de cada par de bilros com um nó, fechando a trama. Então, as linhas são cortadas e a rendeira precisa tirar todos os alfinetes de cada ponto que firma a trama à almofada.

Nesse movimento, quase contínuo, de rendar, vejo linhas entrelaçando-se e sobrepondo-se no papelão, por perfuração, que se fixam à almofada a partir dos traços dos desenhos no papelão.

9 O alfinete e seu envolvimento nesse processo será melhor explicado mais à frente.



Figura 6: Posição de rendeira.
Acervo da autora.

Cada ponto corresponde a uma sequência específica de cruzamento ou entrelaçamento de linhas com os bilros. Com a variedade de sequências de cruzamento das linhas nos bilros, encontramos uma diversidade de pontos. Como há muitas possibilidades de cruzamentos, há muitos tipos de moldes e, portanto, de criação de rendas.

Os desenhos a seguir são relativos à formação que as linhas seguem em alguns pontos das rendas¹⁰. Sugerem várias direções de cruzamento das linhas para formar pontos das rendas de bilros.

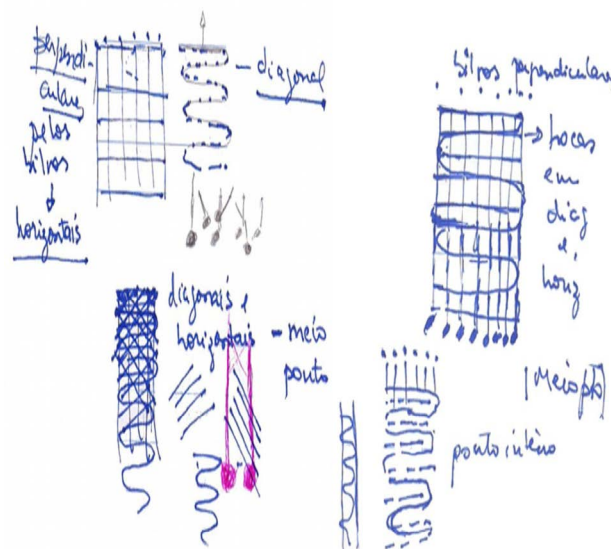
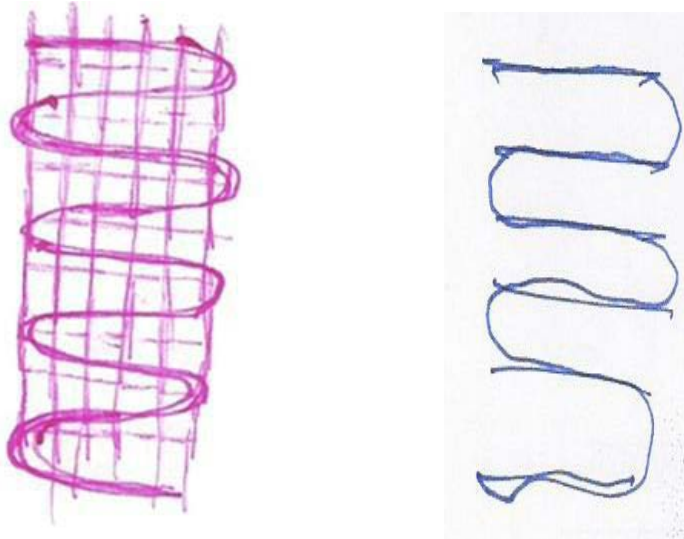


Figura 7: Formação que as linhas seguem em alguns pontos das rendas.
Acervo da autora.

¹⁰ Desenhos que fiz descrevendo alguns movimentos de troca de linhas nos bilros.

Os próximos desenhos (logo abaixo) procuram exibir duas formações de pontos diferentes a partir do cruzamento das linhas: são linhas de movimentos que tracei, que me foram visíveis, dos gestos do fazer.



Figuras 8 e 9: Duas formações de pontos diferentes a partir do cruzamento das linhas.

Acervo da autora.

O desenho da esquerda é da camada de linhas formando o *ponto inteiro*: o segundo é a decomposição de um movimento da linha para formar esse ponto. A sequência que as linhas farão, em cruzamento, é dada pelo molde ou papelão.

Desenhos no papelão

As rendeiras usam a palavra *desenho* para designar os traços em formas feitos em um papelão, os quais serão preenchidos pelas linhas de algodão. Mas, na lida do dia a dia, quando estão traçando formas no papelão ou afixando-o na almofada, elas costumam chamá-lo de papelão¹¹.

11 Também são conhecidos como moldes, visto que esse desenho opera como um molde que traz importantes referências dos pontos, seus tamanhos e organização de espaços, indicando sua localização, seu delineamento e seu entorno. O molde é o traçado de uma configuração de pontos combinados no papelão, que serão preenchidos pelas linhas dos bilros. O desenho no molde é gerador das formas das rendas, provenientes de seus entornos e pontos indicados no papelão. Define, também, a posição dos alfinetes que são colocados depois de cada ponto formado, com a função de sustentar e manter a linha esticada, de modo que os pontos não se desfaçam. Cada ponto corresponde a uma sequência específica de cruzamento ou entrelaçamento de linhas com os bilros. Com a variedade de sequências de

O desenho é feito no papelão (como mostram as fotos abaixo) e é composto de pontos característicos e exclusivos das rendas de bilros, isto é, não há outro tipo de renda que faça o mesmo ponto¹². Os moldes costumam ser feitos em cartolina ou folha de sulfite, mas serão sempre colados em um papelão que será assentado na almofada. *Assentado* é o termo usado pelas rendeiras para o gesto de sobrepor fixamente e, provisoriamente, o papelão na almofada.

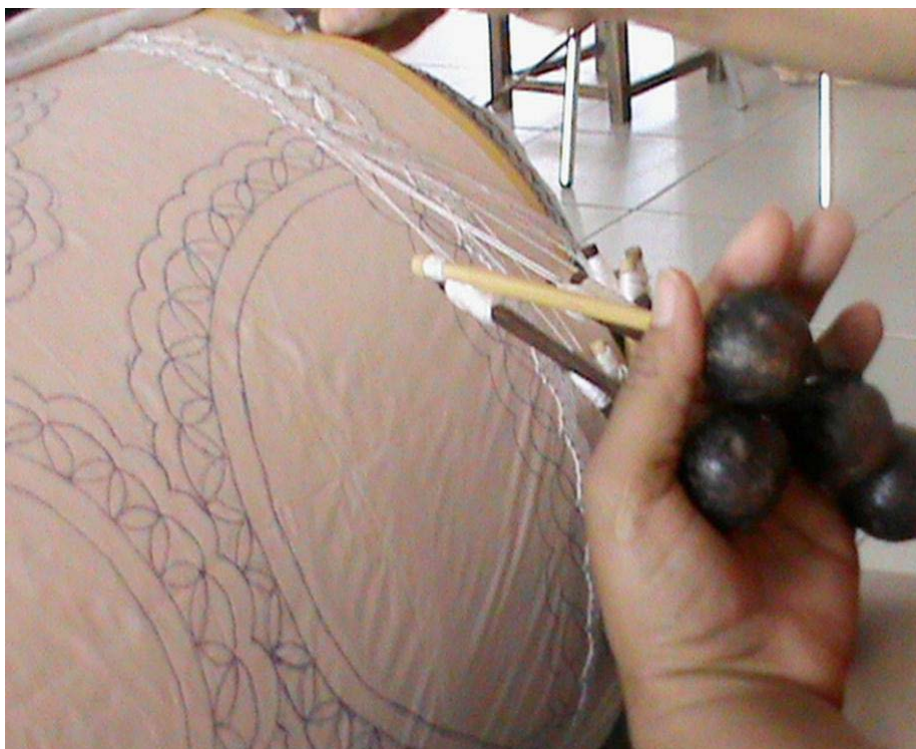


Figura 10: Papelão na almofada.

Acervo da autora.

cruzamento das linhas nos bilros, encontramos uma diversidade de pontos. Cada ponto corresponde a uma sequência específica de cruzamento ou entrelaçamento de linhas com os bilros. Com a variedade de sequências de cruzamento das linhas nos bilros, encontramos uma diversidade de pontos. Como há muitas possibilidades de cruzamentos, há muitos tipos de moldes e, portanto, de criação de rendas. Isto quer dizer que a criação de superfície da renda varia sua forma de acordo com o desenho.

- 12 Supostamente, outros tipos de rendas possuem outras formas de pontos que as caracterizam. Geralmente feito com uma régua, lápis e uma cartolina, esse molde é composto de uma combinação de pontos em um determinado formato, a depender da função que a renda assumirá depois de pronta. É a partir de sua função que o desenho poderá ser traçado, o que possibilitará determinar o tamanho, a forma e os pontos que podem ser combinados. Assim, uma blusa inteira de renda, por exemplo, determinará o tamanho e a forma da peça.



Figura 11: Papelão na almofada.
Acervo da autora.

Assim, a rendeira segue trocando os bilros, preenchendo, criando uma segunda camada de linhas em cima das linhas já traçadas no papelão, delimitando uma superfície, o que confere um efeito de preenchimento de espaços no desenho. Nesses espaços estão a combinação e localização de cada ponto, operando como um mapa.

O desenho traz para a dimensão do visível a forma que as linhas de algodão tomarão. Permite que visualizemos o espaço por onde as linhas serão *tramadas*, ficando momentaneamente sobrepostas ao papelão, de modo a constituir ali uma camada de linhas, com as quais a renda assume várias formas, tornando-se uma superfície inquebrável de algodão.

Com traços em um papelão, as linhas dos bilros nas mãos das rendeiras seguem *um caminho-passagem* em movimento, em uma sequência de formas de linhas que se entrelaçam e se sobrepõem ao papelão por perfuração, fixando-se na almofada para compor camadas trazidas à superfície, as quais geram as formas da renda¹³.

13 Pelos traços dos desenhos é possível observar uma relação entre as linhas nos desenhos e as formas que a renda assumirá (os traços são vestígios, marcas impressas e formas visuais possíveis de indagar).

Experimento, rendas e prensa: marcando com água os materiais¹⁴

O experimento que fiz, com uma técnica conhecida como *marcas d'água* ou *relevo seco*, permite evidenciar, de forma sutil, as marcas impressas no papel, das linhas dos desenhos que constroem a superfície das rendas. Observando de forma tátil, pela textura, é possível conhecer linhas que são pouco percebidas a olho nu. Aqui, podemos tatear as linhas e pontos das rendas e ver como eles criam outra superfície pelo contato dos materiais.

Procurei utilizar as rendas em que mais conseguia fazer, com a prensa, as marcas das linhas e com diferentes desenhos, isto é, peças de rendas com diferentes composições de pontos, com o objetivo de ver o que as linhas me dariam a ver e também o que ocultariam¹⁵.

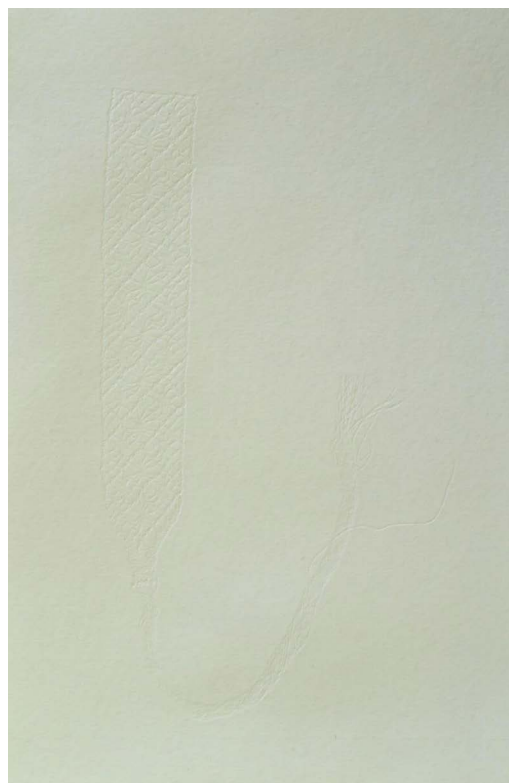


Figura 12: Relevo Seco ou Marcas D'Água.

Acervo da autora.

14 Norma Vieira cedeu gentilmente seu espaço TOTE Espaço Cultural (em Sousas, Campinas, SP), para que eu pudesse usar uma prensa.

15 Com o intuito de mostrar algumas linhas com a técnica do relevo seco para trazer aspectos diferentes do desenho, fiz essa experimentação com três rendas de meu acervo. Meu critério para a escolha das rendas foi feito com base nas primeiras experimentações, observando como ficavam os desenhos de cada renda e o que as linhas poderiam me mostrar com essas marcas d'água, para que eu expusesse na pesquisa.

Nesse relevo seco, as linhas se mostram na interface entre o visível e o invisível, adentram o papel (são sugadas) a depender do desenho da renda, permitindo ver as marcas do tecido no papel; as linhas aqui são as marcas do que se chama de renda, que está, mas não está ali. Essas linhas que ficaram marcadas no papel são formadas a partir do prensamento das rendas na folha de aquarela umedecida.

Com esse processo na prensa, as marcas no papel revelaram e me auxiliaram a mostrar algumas sutilezas das linhas que compõem as rendas de bilros e seus desenhos. Ao mesmo tempo, com as marcas d'água, tem-se o efeito de chamar mais para dentro, quase que escondendo as formas. Para vê-las, nesse caso, me parece importante o efeito de ocultamento. Percebi que aquilo que causa ocultamento e estranhamento parece nos fazer mais atentos para olhar e *re-olhar*. Essas linhas, que chamam o olhar para dentro da folha, proporcionam certo mistério em que não parece ser permitido ver (apenas com os olhos) a renda de forma nítida. Tira-nos da posição confortável em que as linhas estão nítidas e, portanto, mais visíveis na *superfície-papel*, como o desenho das linhas da renda no papelão. No entanto, se dão a ver ao sentir a textura e as formas com as mãos.

Processo do experimento

Para fazer o experimento, foi necessário utilizar, além das rendas, o papel aquarela, que tem uma textura mais espessa e endurecida do que o papel sulfite, e que, por isso, proporciona absorção em contato com a água. Trata-se de um material poroso¹⁶, composto de celulose e algodão, permitindo que a folha seja imersa em água e não se desfaça¹⁷.

Mergulhei uma folha na água por mais ou menos 5 minutos, até que ela ficasse completamente molhada. Nesse momento, pude perceber a relação de dureza e porosidade da mesma, pois, enquanto uma folha 100% de papel teria se dissolvido, esta absorveu a água. Depois de molhá-la, tirei o excesso de água envolvendo-a em um jornal e, em seguida, levei-a para a prensa, máquina elétrica de aço que possui um rolo compressor de grossa espessura¹⁸. Esse rolo é responsável pelo movimento de *prensar* o material ali colocado. Há várias medidas possíveis da espessura, que fazem a pressão ou *apertamento* do material.

Utilizei uma lâmina de vidro do tamanho de uma folha de sulfite A4¹⁹, colocando

16 Utilizei papel marca *Canson*, gramatura 300g/m², tamanho A4, branco.

17 Ao olhar para o papel aquarela, percebi que a folha tinha duas faces diferentes: uma delas mostrava muitas linhas corrugadas, vistas apenas com observação sutil e com o papel bem próximo dos olhos; a outra não tinha essas linhas, de modo que sua utilização evitaria que o desenho da renda sofresse interferência de outras linhas do papel e permitiria que as linhas das rendas ficassem mais em evidência.

18 Há também prensas manuais. Essa que utilizei é elétrica.

19 Aproximadamente 3 centímetros de espessura.

sobre ela o papel aquarela úmido, com a face lisa voltada para cima. Por cima dessa folha de papel aquarela, posicionei o tecido da renda e, em seguida, uma folha de papelão sobre ele. Formou-se, então, uma sequência de superfícies sobrepostas: sobre o papelão, um tecido de *feltro inglês*, que é um tecido macio, de gramatura fina, e sobre este, um tecido de feltro mais áspero e com gramatura mais grossa. Ali, se encontravam vários materiais formando camadas.

Para ocorrer o *prensamento*, girei um botão indicador da direção que o rolo deveria tomar para comprimir essa camada de materiais, movimentando-se do lado direito para o esquerdo ou em sentido contrário. Nesse momento, o rolo pressionou, com seu peso, o feltro comum e todas as outras superfícies que ali estavam: papelão, papel, tecidos e a renda.

Terminada a impressão, comecei a levantar os feltros, o papelão e a renda do papel, para verificar o resultado do experimento. Vi, então, as linhas ou marcas do desenho da renda impressas no papel, como se fosse um carimbo em que as linhas pareciam afundar na superfície do papel, adentrando-o.

Observando um dos relevos secos (as folhas prensadas), ao tatear a superfície do papel, era possível perceber ali a formação de sulcos: as marcas das linhas adentradas, sutilmente escavadas no papel. Pelas mãos, era possível perceber o papel afundado, pressionado e *ferido*.

Conclusão

Minha questão condutora da pesquisa implicou na criação de uma metodologia experimental, pois busquei, a todo instante, aprender a apreender movimentos e, por que não dizer, outras formas de conhecimento com os materiais. Experimento, neste caso, tem o sentido de experienciar uma criação a partir e com as rendeiras e a emergência de formas de rendas de bilros. Experimentei com as rendeiras e os materiais das rendas para aprender gestos de entrelaçamento de linhas que formam os pontos das rendas.

Experimentar com os materiais foi minha principal forma de narrar o fazer trazendo os desenhos, fotografias e palavras que compõem uma narrativa de rendar bilros.

Com o desenho, trago, na pesquisa, o conceito de antropologia gráfica, a partir de Ingold (2011), para experimentar traçar linhas de movimento com o aprendizado do rendar e os desenhos de rendas já prontas; faço uma desmontagem, nesse sentido, das linhas que criaram as figuras dos desenhos formando a renda de bilros. Tanto desenhos de moldes quanto desenhos e rendas são de meu próprio acervo. Os desenhos, também, conduzem a

pesquisa enquanto linhas de movimento que expressam o próprio conhecimento de fazer rendas.

Referências

- ALMEIDA, Ana Carolina de Campos. 2014. *Tecendo investigações sobre rendas: o trocar dos bilros no Piauí*. Dissertação de mestrado. PPGAS, Universidade Estadual de Campinas.
- _____. 2018. *A vida das rendas de bilros em Ilha Grande, Piauí*. Tese de doutorado. PPGAS, Universidade Estadual de Campinas.
- INGOLD, Tim. 2007. *Lines: a brief history*. Routledge: London and New York.
- _____. 2011. *Redrawing Anthropology: Materials, movements, lines*. Aldershot: Ashgate Publishing.
- _____. 2013. *Making: Anthropology, archaeology, art and architecture*. Routledge: London and New York.

Recebido em 19 de junho de 2019.

Aceito em 10 de outubro de 2019.